

PENSAR

[20 ANOS SEM O POETA

O LÍRICO E O
POLÍTICOVASTO E
ENIGMÁTICOUM OLHAR ABRANGENTE E TORTO
CRIOU SIGNOS INSUPERÁVEIS DA
LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESAALEXANDRE PILATI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Vinte anos atrás, Carlos Drummond de Andrade nos deixava. Sua obra lírica, sempre viva desde 1930, permanece como pedra no caminho de quem lê, estuda e produz poesia no Brasil. São quase cem anos de influências e enigmas que uma obra consciente e longeva fez brotar. Há quem fale de um certo padrão-Drummond, que reveste os olhos de críticos, leitores e poetas. Uma sombra literária que (negue-se ou confirme-se) seria insuperável. Talvez isso se deva ao fato de a obra de Drummond possuir, nos termos da história de nosso sistema literário, uma importância somente comparável à equação literária de Machado de Assis: moderna, nacional e negativa. Sobre esse tripé, a obra de Machado consolidou a formação da literatura brasileira. Também sobre ele, Drummond construiu um estatuto lírico capaz de resgatar, do meio da festa modernista, um olhar abrangente, tenso, inquieto e torto sobre as coisas do mundo, do Brasil e da poesia. O mineiro, com o tino rápido para a sintonia do lirismo com o real foi capaz de criar versos que viraram ditos de rua, quando a norma modernista rezava exatamente o contrário. Quem já não disse: “e agora, José?”. Sua voz lírica é, portanto, algo que viceja, pelo dinamismo e pela abrangência: sendo de um, é de todos; sendo única, é muitas.

A crítica tornou a questão sobre o estatuto do eu lírico drummondiano a busca central dos estudos sobre sua obra poética. Afonso Romano de Sant’anna foi o primeiro a obter uma visão abrangente do eu lírico de Drummond, carimbando-lhe definitivamente

o rótulo da *gaucherie*. Em *Drummond: gauche no tempo* (Record, 1992), Sant’anna dá cores cósmicas, existencialistas e cosmopolitas ao torto lírico mineiro. Entretanto, a *gaucherie* de Drummond tem uma materialidade muito característica das pedregosas estradas de Minas, nas quais o eu inquisitivo recusa, nada mais nada menos, que a oferta da Máquina do Mundo. Isso foi o que mostrou Antonio Candido no seu “Inquietudes na poesia de Drummond” (*Vários escritos*, Duas Cidades, 1995). Para Candido, o eu drummondiano inquieta-se pelo fato de que, quando fala do mundo, ocorre-lhe que seria melhor falar do eu; quando fala do eu, sente remorso, porque seria melhor falar do mundo. Nesse hiato de frustração, estaria toda a força de uma poética vigorosa. Mais recentemente, Davi Arrigucci Jr. estruturou uma visão sólida e abrangente do eu lírico drummondiano, conferindo-lhe a característica meditativa. Em *Coração Partido* (CosacNaify, 2002), Arrigucci Jr. observa a postura sentimental e reflexiva do poeta. Antes de falar de si ou do mundo, segundo ele, o poeta estaria preocupado com a postura de reflexão desiludida e incômoda diante do mundo.

Acredito que um conceito capaz de ampliar a percepção sobre o lirismo de Drummond, reunindo matizes de muitas das análises que tanto já avançaram nesse sentido, seja o de “cisma”. O poeta de Itabira é um lírico “cismado”. Isso é o que lhe dá um grão de instabilidade e desconfiança e injeta profundamente o Brasil nos músculos da poética. Cisma significa devaneio, sonho, fantasia, absorção em pensamentos. Também pode significar preocupação ou inquietação. Se atentarmos para o uso popular da palavra, acharemos, entre os seus significados, a indicação de capricho, teima, obstinação. A cisma é, pois, um conceito que carrega o entrave. É isso que, para além de qualquer conteúdo evidente ou arquitetura poética, permanece como valor literário perene na poética de Drummond. Sua lírica é um sistema de entraves.

Tal sistema de entraves aparece condensado, por exemplo, na postura do personagem do inesquecível poema Itabira: “Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável”. É desse eu lírico caramujo (tímido, recolhido, reticente, oblíquo) que saem os ditos de maior vigor e negatividade da história do nosso Modernismo. Um eu caramujo que nem por isso deixa de soltar contra o leitor os cachorros da violência e do mau humor: “Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou”. Ai está, talvez, a razão do fascínio que Drummond exerce ainda hoje

DUAS ANÁLISES DOS ASPECTOS
TRANSCENDENTAIS DA
PERSONALIDADE E DA OBRA
DRUMMONDIANA: A CONSCIÊNCIA
DA BELEZA E O RESGATE SOCIAL

sobre nós: em sua poesia não há concessões; trata-se de uma lírica armada até os dentes com a força dos problemas reais. Nada nela é fácil ou agradável.

A força dos versos de Drummond está, por exemplo, figurada em “Confidência do itabirano”, poema capaz de explicar o percurso do capital num terreno periférico, sem descuidar-se também da reflexão sobre a literatura e sobre o íntimo da subjetividade provinciana, inadequada à situação de urbanidade: “Tive ouro, tive gado, tive fazendas/ hoje sou funcionário público/ Itabira é apenas uma fotografia na parede/ mas como dói!”. A postura cismada do eu, nesse e em tantos outros poemas, impele-o à confidência, ao tom da conversa ao pé do ouvido, capaz de abrandar (no poeta e no leitor) certo sentimento de culpa e um bom tanto de dor. Uma dor lírica que é gerada também pela descrença na poesia e pela incerteza da enunciação poética. Seria o caso de fazer uma leitura mais atenta e mesquinha de sua obra para contar com precisão as vezes em que aparece nos poemas a expressão “não sei” (e seus correlatos), como no enigmático desfecho um tanto kitsch de “Morte do leiteiro”: “escorre uma coisa espessa/ que é leite, sangue, não sei (...) formando um terceiro tom a que chamamos aurora.”

Além de tudo isso, povoa a cisma drummondiana uma coleção de fantasmas, parentes mortos, coisas sem préstimo, que contam a origem de entraves pessoais e públicos, ao revelarem a origem do clã dos Andrades e as raízes de um patriarcalismo que vige, muito embora o país tenha modernizado o verniz das suas relações sociais. Assim, a lírica de Drummond carrega, em livros tão distintos quanto *Claro Enigma* e os da série *Boitempo*, o beijo dos antepassados mortos, que reluz insuperável, como em “Os bens e o sangue”: “Face a face/ te contemplamos, e é o teu primeiro/ e úmido beijo em nossa boca de barro e sarro”.

Sarro é o resíduo que fica, o que não se lava, o que não se evai, muito embora o tempo passe. A lírica de Drummond, cheia de cismas, impasses, entraves, fantasmas que não nos deixam, é certamente algo que não passa. É um coração moderno, nacional e negativo que ainda bate desafiadoramente para cada um que se proponha a enfrentar a poesia em língua portuguesa. Um coração mais vasto que o mundo e do tamanho exato de cada um de nós.

ALEXANDRE PILATI É POETA, AUTOR DE *PRAFÓRA* (7LETRAS, 2007) E DOUTOR EM LITERATURA BRASILEIRA, COM TESE SOBRE A POESIA DE DRUMMOND.

PENSAR

Será que demonstro ter visto o velho no bar? O que ele tá fazendo ali? Me vigiando? Vou continuar agindo normalmente, não quero deixar ele perceber que eu notei. Vamos ver se ele tem coragem de vir aqui falar comigo, encarar a turma. Duvido. Ele é um burguesão medroso, o mundo inteiro pode estar se desmanchando na miséria e ele só se preocupa com a empresinha dele, com a grana dele. Ele e o sócio puxa-saco.

Ficou todo nervosinho quando descobriu. Azar dele, a vida é minha e faço o que eu quiser. Ele não entende que não consigo viver no meio de gente normal, não tenho muita coisa em comum com elas. Pra mãe é o fim do mundo. É o fim do mundo deles, isso sim. Se tivesse uma revolução de verdade nessa terra, queria ver o que ia sobrar pros dois.

Será que ele pensa que pode se esconder naquele boteco? Muita gente fala de amor nessa bosta de mundo, mas poucas realmente vivem o amor. Eu quero viver o amor totalmente. Eles não têm a menor idéia do que é viver essa magia, que torna a vida da gente a vida ideal. Eles nunca vão sentir isso. Alguém disse que um homem que regressa da loucura é um homem que sabe mais do que aquele que nunca ficou louco. Sei que é complicado, porque eu também sou complicado, sei que sou diferente, já disse. Antes eu não gostava da maneira como eu me sentia e agora consigo lidar com as minhas emoções. Por que vocês não querem entender isso?

Depois que ele ficou sabendo, se fez de entendido quando veio falar comigo, veja só. Com cara de quem estava acima dessas coisas, que compreendia tudo, que também já foi jovem, explicou sobre o efeito da química no corpo humano, o perigo para a sociedade e coisa e tal. Só falou merda. E ainda por cima, depois veio com um papo de moral e até de religião. Ai sim, eu fiquei puto e deixei ele falan-

do sozinho. E ainda tenho certeza que naquela história de palestra com um ex-drogado na escola, ele tava metido no meio. Claro que estava.

O que eles não entendem, e não vão entender nunca, é que eu preciso romper a barreira dessa nossa realidade cotidiana de merda, eu não agüento isso aqui e prefiro a sensação de não querer saber o que está acontecendo em volta de mim, não me importo e não quero saber de nada, o mundo que se foda.

E tenho que ter liberdade pra isso, cara. É minha opção.

Olha lá, com o terminho caro dele e de copo na mão. O sujeito não é bobo. Veio aqui porque a mãe mandou e aproveita pra tomar uma. Será que o velho pensa que eu não vi ele no bar? Covarde!

— Falou cara, olha a grana.

Pronto, peguei o que eu queria. O espião viu tudo e já pode ir correndo contar pra dona Cecília, que agora sim vai ter motivo de verdade pra insônia dela. Vai, pode ir, não me importo com vocês. Eu quero é sair daqui e usar o material que deve ser de primeira, eles não iam dar bola fora comigo de novo.

Ele vem ou não vem? Merda, acho que vai ficar só olhando. Vou embora, não tenho nada o que fazer aqui, não quero mais saber se ele vem ou não. Não preciso ter certeza nenhuma sobre nada.

Meu pai não vem mesmo?

WILSON ROSSATO, PAULISTA DE PIRACICABA, É JORNALISTA E ESTÁ RADICADO EM BRASÍLIA HÁ 15 ANOS. SEU LIVRO DE ESTRÉIA, *O TOLO PRECÁRIO*, LANÇADO EM 2004 PELA EDITORA LAMPARINA, VENCEU OS PRÊMIOS REDESCOBERTA DA LITERATURA BRASILEIRA, DA REVISTA *CULT*, E OFICINA DO AUTOR, DA FUNARTE



Fotos:Arte de Nektar Design/LPM Editores/Reprodução

VATHEK
De William Beckford. Série L&PM pocket plus, 123 páginas. Preço: R\$ 8,50

O britânico William Thomas Beckford desafiou a aristocracia conservadora de seu país, no fim do século 18, ao se apaixonar por um rapaz. A polêmica o acompanharia pelo resto da vida e faria parte de suas obras. Em 1786, ele lançou a novela gótica *Vathek*, um típico conto da literatura árabe que narra a história do califa de mesmo nome e de sua desmesurada ambição. Sua inclinação ao poder levou-o à própria ruína, ao abandonar o islã para tentar obter poderes sobrenaturais. Para conseguir o intento, ele lançou mão de uma série de artifícios ilegais. Escrito em três dias e duas noites, o livro deve prender a atenção do leitor. A obra recebe o aval de ninguém menos que o escritor argentino Jorge Luis Borges, autor dos dois prólogos. Segundo Borges, *Vathek* é o “primeiro inferno realmente atroz da literatura”. (RC)

CARTAS PORTUGUESAS
De Mariana Alcoforado. Série L&PM pocket plus, 70 páginas. Preço: R\$ 8,50

A obra é uma compilação de cinco cartas que resumem um romance malfadado, além de um dos mais profundos documentos sobre a solidão, a ansiedade amorosa e a entrega absoluta. A portuguesa Maria Alcoforado (1640-1723) vivia como freira no convento da Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Beja, em Portugal. De repente, começou a trocar correspondências desesperadas e ardentes com um oficial do exército francês que estivera de passagem pela região. “É verdade que tive prazeres bastante surpreendentes amando-te: mas custamente agora terríveis dores! São sempre extremas as emoções que de ti me vêm!”, afirmava a quarta carta ao pretendente. Mais que uma confissão de uma paixão proibida, a obra versa sobre um tema extremamente atual e polêmico, a castidade no seio da Igreja Católica. (RC)

SOBREA INSPIRAÇÃO POÉTICA (ION) E SOBREA MENTIRA (HÍPIAS MENOR)
De Platão. Tradução de André Malta. Série L&PM pocket plus, 93 páginas. Preço: R\$ 6

O pensador grego Platão revela diálogos complexos e profundos sobre temas pertinentes ao comportamento humano e à filosofia. Dois desses diálogos estão apresentados na obra. No primeiro deles, Ion — recitador profissional de poesias — se põe a discutir com Sócrates, mentor de Platão, sobre a poesia, a possibilidade de se apreciar uma obra literária e o papel da inspiração na crítica. Na outra obra, Sócrates e Hípias Menor conversam sobre a mentira. E concluem que saber mentir vale mais do que dizer a verdade. Ambos os pensadores trabalham essa constatação de forma leve e com uma verve brincalhona e irônica, a fim de trazer o homem e sua capacidade de conhecimento ao centro da discussão. Uma obra interessante e inspiradora. (RC)